



GARANTINDO O “LEITINHO” DAS CRIANÇAS!

Em 2012, a indústria de alimentação animal produziu 4,8 milhões de toneladas de rações para bovinocultura leiteira, resultado da tendência do pecuarista em reduzir investimentos na atividade na tentativa de melhorar sua margem bruta, por causa do alto custo da alimentação com concentrado e dos baixos preços pagos pelo leite. Naquela época, a limitação na oferta de leite foi intensificada também em virtude da estiagem que abateu as regiões Sudeste e Centro-Oeste e o final da safra na região Sul. Por sua vez, em 2013, foram produzidas 5,6 milhões de toneladas de rações, um avanço de notáveis 17% na demanda da bovinocultura leiteira, uma vez que o produtor desembolsava menos na nutrição do rebanho por conta do alívio no preço do milho e da soja. Essa recuperação do poder de compra permitiu à atividade retomar o investimento na alimentação tecnificada, no entanto, o incremento de produtividade foi insuficiente para atender a demanda dos laticínios, e em consequência, os preços do leite pagos ao produtor seguiram trajetória ascendente e alcançaram os maiores valores já registrados. Contudo, esse patamar elevado sofreu rejeição do consumidor e o efeito sazonal de maior oferta de leite no último trimestre pressionou os preços e conteve de alguma forma o apetite pelas rações e concentrados.

Já em 2014, os fatores climáticos afetaram sobremaneira as pastagens em algumas bacias leiteiras, enquanto em outras o excesso de chuvas prejudicou a captação. Contudo, os bons preços pagos ao produtor de leite permitiram maiores investimentos na alimentação preparada na fazenda, atividade também estimulada pelo alívio na cotação do milho e farelo de soja, utilizados nos concentrados energéticos fornecidos pela indústria. A demanda por ração alcançou 5,9 milhões de toneladas, apesar do enfraquecimento dos

preços dos lácteos e estoques elevados no atacado e varejo. No ano seguinte, ou seja, em 2015, a cadeia de distribuição demonstrou mais cautela e não acumulou estoques de leite e derivados, por conta do enfraquecimento da demanda. O custo para produzir leite seguiu em alta, por conta do aumento da energia elétrica, combustíveis, fertilizantes e outros insumos cotados em dólar. A diminuição do preço do leite pago aos produtores corroe as margens de lucro e forçou muitos deles a secar as vacas com antecedência para redução dos custos e melhorar a produtividade. Além disso, fatores climáticos sazonais (estiagem, baixa temperatura e luminosidade) também contribuíram para o enxugamento da produção que abateu a produção de rações para gado leiteiro, que retrocedeu 1% e somou 5,8 milhões de toneladas.

Os laticínios encontraram grande dificuldade na captação da matéria-prima e enfrentaram forte concorrência em 2016, justificada pela oferta enxuta de leite cru e desestimulada principalmente por causa do alto custo dos fertilizantes, combustíveis, e do milho e soja utilizados na alimentação das vacas em lactação. Outrossim, os preços recordes pagos pelo leite animaram os produtores e favoreceram a reintrodução da tecnologia e a retomada culminou na demanda de 5,6 milhões de toneladas de rações, mesmo com os pastos parcialmente recuperados pelas chuvas sazonais. Apesar dos efeitos favoráveis do clima e do alívio no custo dos grãos utilizados na alimentação das vacas em lactação durante o ano de 2017, a produção de leite caiu nas principais bacias leiteiras e determinou alguma concorrência entre os laticínios na captação do leite cru para recomposição dos estoques no varejo. Além disso, a concentração da atividade em empreendimentos de grande porte melhorou substancialmen-



Ariovaldo Zani

é médico veterinário
Professor MBA/PECEGE/
ESALQ/USP
Presidente do Colégio
Brasileiro de Nutrição
Animal/CBNA

te a produtividade por causa da qualidade da nutrição empregada. Apesar de inoportuno, o incremento nas importações de lácteos limitou os ganhos no preço do leite e estimulou o consumo no final da cadeia, favorecendo assim a retomada na demanda das rações que contabilizou 6 milhões de toneladas.

Durante 2018, a cadeia pecuária leiteira padeceu sobremaneira por conta do bloqueio logístico que comprometeu a entrega dos insumos para alimentação dos rebanhos e paralisou a captação do leite produzido. Em contrapartida, a escassa oferta de leite cru aos laticínios favoreceu o incremento do seu preço durante boa parte do ano. Essa aparente melhora devolveu certo vigor, principalmente aos produtores mais tecnificados. A melhora climática e de pastagens, o maior interesse do consumidor e a queda no custo da alimentação dos rebanhos compensou parte do retrocesso e a demanda culminou em 6 milhões de toneladas de rações. No ano seguinte, a cadeia pecuária leiteira demandou 6,2 milhões de toneladas de rações, um avanço superior à 3%, marca que demonstrou moderação daquele ímpeto crescente na utilização das rações e concentrados pelo produtor de leite, provavelmente desmotivado pela valorização dos grãos adicionados à alimentação animal e pela qualidade das pastagens favorecidas pelas chuvas.


Já em 2020, a cadeia produtiva do leite foi modulada por diferentes fatores que influenciaram sua produtividade, dentre eles, o apetite dos consumidores sustentados pelo auxílio emergencial, o abate de vacas em resposta à valorização da arroba, o preço recebido pelo produtor, a estiagem na região Sul do

País, o maior volume de leite em pó importado, o encarecimento da alimentação dos animais por conta do forte aumento do preço do milho, farelo de soja e dos insumos importados. Apesar das melhores condições de pastagens, por conta do período chuvoso, e da eventual retração do hábito de compra dos lácteos, devida à redução do valor do auxílio, a produção de rações avançou 3,2% e contabilizou 6,4 milhões de toneladas.

No ano passado, a cadeia pecuária leiteira foi afligida pelas péssimas condições de pastagens, custo proibitivo dos grãos, da suplementação mineral e dos concentrados e outros insumos indexados ao dólar. A produção leiteira, com distribuição majoritariamente interna e despojada da receita dolarizada, padeceu bastante, inclusive por causa do esfriamento da demanda por lácteos em geral nas prateleiras do comércio varejista. Conseqüentemente, a produção das rações para o rebanho leiteiro manteve estabilidade.

Parafraseando Winston Churchill: “Para uma comunidade, não há melhor investimento do que dar leite aos bebês”. ■

A MELHORA CLIMÁTICA E DE PASTAGENS, O MAIOR INTERESSE DO CONSUMIDOR E A QUEDA NO CUSTO DA ALIMENTAÇÃO DOS REBANHOS COMPENSOU PARTE DO RETROCESSO E A DEMANDA CULMINOU EM 6 MILHÕES DE TONELADAS DE RAÇÕES



	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021*
RAÇÃO (MILHÕES TONS)	4,8	5,6	5,9	5,8	5,6	6,0	6,0	6,2	6,4	6,4
VACAS LEITEIRAS (MILHÕES)	17,2	17,4	17,8	16,8	16,8	16,4	15,8	15,6	15,7	16,0
LEITE (BILHÕES LITROS)	23,0	24,3	25,2	24,2	25,5	24,4	24,6	25,1	25,6	25,0

*Estimativa | Fonte: ração/Sindirações; vacas leiteiras, leite/IBGE e IHS Market